

Estado da publicação: O preprint foi submetido para publicação em um periódico

Projetos globais e o estranho: estudos decoloniais na produção acadêmica brasileira

Fagner Carniel, Adonai Lacruz, Bruno Américo, Meire Mathias

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.1955>

Submetido em: 2021-03-05

Postado em: 2021-03-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Submetido à Revista Eletrônica de Administração - REAd

ID do manuscrito: 106867

Data de submissão: 26/08/2020

Status: Aguardando designação

Projetos globais e o estranho: estudos decoloniais na produção acadêmica brasileira

Fagner Carniel

Doutorado em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutorado em Sociologia na Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professor do Departamento de Ciências Sociais na Universidade Estadual de Maringá (UEM). Membro do Comitê de Deficiência e Acessibilidade da Associação Brasileira de Sociologia.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7453-1993>

Email: fcarniel@uem.br

Adonai José Lacruz

Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-Doutorado em Administração na FUCEPE Business School. Professor do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) e do Programa de Pós-graduação em Administração (PPGAdm) da UFES.

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-1575-3788>

Email: adonai.lacruz@ifes.edu.br

Bruno Luiz Américo

Doutorado em Administração pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil. Docente no Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2615-6583>

Email: brunolaa@hotmail.com

Meire Mathias

Doutorado em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá (UEM).

ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-4646-130X>

Email: meire_mathias@uol.com.br

Resumo

Qual seria o lugar dos estudos decoloniais na produção acadêmica brasileira? Em que medida a circulação contemporânea de perspectivas teóricas que questionam ontologias coloniais e reivindicam renovação crítica para o pensamento latino-americano estaria influenciando o desenvolvimento de novas agendas de pesquisa no país? Por meio de um mapeamento de 246 artigos que abordaram o “decolonial”, entre os anos de 2009 e 2018, procuramos compreender os diferentes usos que a categoria adquiriu em pesquisas publicadas por autores brasileiros, mas igualmente focada em seu rendimento em investigações organizacionais. Desse modo, realizamos análises bibliométricas e discursivas com a intenção de apresentar um quadro atualizado dos principais temas, autores e bibliografias que estão sendo mobilizados em periódicos registrados nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*. Os resultados dessa investigação sugerem que o decolonial é uma categoria plural e em construção no Brasil, simultaneamente analítica e política, que se organiza em torno do campo disciplinar das ciências sociais, mas que já impacta a produção do conhecimento em outras áreas, a exemplo da Administração e dos Estudos Organizacionais.

Palavras-chave: Estudos Decoloniais. Estudos Organizacionais. Pensamento Social Latino-Americano. Intelectuais. Bibliometria.

Global projects and the strange: decolonial studies in Brazilian academic production

Abstract

What is the place of decolonial studies in Brazilian academic production? Does the contemporary circulation of theoretical perspectives that question colonial ontologies and claim a critical renewal for Latin American thought can influence the development of new research agendas in the country? Through a mapping of 246 articles that approached the 'decolonial' between 2009 and 2018, the article aims to understand the different uses that the category has acquired in published researches in Portuguese language. Bibliometric and discursive analyses are performed with the intention of presenting an updated table of the main themes, authors and bibliographies that are being proposed by Brazilian researchers in journals that are Scopus and Web of Science indexed. The results of this investigation suggest that decolonial is a plural and under construction category in Brazil, both analytical and political, which is organized around the disciplinary field of the social sciences but impacts the production of knowledge in other areas already.

Keywords: Decolonial Studies. Organizational Studies. Latin American Social Thought. Social Sciences. Intellectuals. Bibliometrics.

Proyectos globales y lo extraño: estudios decoloniales en la producción académica brasileña

Resumen

¿Cuál es el lugar de los estudios decoloniales en la producción académica brasileña? ¿La circulación contemporánea de perspectivas teóricas que cuestionan las ontologías coloniales y reclaman una renovación crítica del pensamiento latinoamericano puede influir en el desarrollo de nuevas agendas de investigación en el país? A través de un mapeo de 246 artículos que abordaron lo 'decolonial' entre 2009 y 2018, el artículo pretende comprender los diferentes usos que ha adquirido la categoría en las investigaciones publicadas en lengua portuguesa. Se realizan análisis bibliométricos y discursivos con la intención de presentar un cuadro actualizado de los principales temas, autores y bibliografías que están siendo propuestos por investigadores brasileños en revistas indexadas por Scopus y Web of Science. Los resultados de esta investigación sugieren que decolonial es una categoría plural y en construcción en Brasil, tanto analítica como política, que se organiza en torno al campo disciplinar de las ciencias sociales pero que ya impacta la producción de conocimiento en otras áreas.

Palabras clave: Estudios Decoloniales. Estudios organizacionales. Pensamiento social latinoamericano. Ciencias Sociales. Intellectuales. Bibliometría.

Apresentação

O artigo procura refletir sobre o desenvolvimento recente dos estudos decoloniais na produção acadêmica brasileira – uma perspectiva analítica e política que vem sendo mobilizada por inúmeras áreas do conhecimento, incluindo a Administração e os Estudos Organizacionais. Por um lado, procuramos oferecer uma revisão de literatura abrangente, capaz de interessar quem se dedica ao tema a partir de suas diferentes especialidades. Por outro lado, analisamos uma parcela significativa dos estudos decoloniais elaborados desde o Brasil com foco em seu rendimento em investigações organizacionais.

Para lidar com o volume de textos e a multiplicidade de áreas identificadas com os estudos decoloniais na produção brasileira, optou-se por uma análise bibliométrica, que pode ser entendida como uma prática que visa mapear ligações e lacunas na teoria social existente para tornar possível a ampliação dos horizontes na produção do conhecimento. Conforme Post, Sarala, Gatrell e Prescott (2020), a relação existente entre teorização e produção de revisões de literatura é intrínseca, já que artigos que mapeiam o estado da arte (ligações, lacunas) de uma área de conhecimento oferecem, ao mesmo tempo, fundamento para a construção de futuros estudos com contribuições teóricas e práticas. Assim, a bibliometria, como um caminho potencial para o desenvolvimento de revisões de literatura, favorece a análise crítica “*on existing knowledge with a view to studying, learning, evaluating, or even modifying it*” (PATRIOTTA, 2020, p. 1).

Ao concentrar nossa atenção nos sentidos e nos significados que a noção de decolonialidade tem adquirido na academia brasileira, focando na Administração e nos Estudos Organizacionais, é importante notar que o presente artigo precisou “*met the challenge of considering a topic that is covered in many literatures in addition to the management literature but still provided a focused review*” (PARMIGIANI; KING, 2019, p. 3087). Logo, para enfrentar tal desafio, a revisão de literatura foi desenvolvida por meio de duas visões distintas (PATRIOTTA, 2020), que são reconciliadas em uma revisão integrativa (ELSBACH; VAN KNIPPENBERG, 2020) e problematizante (ALVESSON; SANDBERG, 2020).

Desse modo, em um primeiro momento, o texto apresenta e discute o que está sendo chamado de decolonial no Brasil e quais áreas ou especialidades têm se dedicado à leitura e à produção desses estudos. Assim, foi possível mapear quem escreve e quem publica tais perspectivas e quais repertórios intelectuais que estão sendo ativados por essas publicações. Após apresentar o impacto que a assimilação recente das “teorias do sul” exerceram no pensamento social brasileiro (ROSA, 2014), bem como o cenário acadêmico que favoreceu o

“giro decolonial” na produção teórica latino-americana (BALLESTRIN, 2013), localizamos quatro subcampos discursivos de pesquisa que empregam termos e categorias semelhantes para construir abordagens, objetos e temáticas específicas, a saber: *Coloniality and Decoloniality*; *Gender and Interculturality*; *Health and Vulnerabilities*; e, *Critical Management Studies*. Cada um destes subcampos articula-se com diferentes tradições disciplinares, mas relaciona-se com a noção plural de ‘decolonial’.

Portanto, esta revisão de literatura não busca gerar um mosaico tão fragmentado quanto indecifrável do campo nacional dos estudos decoloniais. Pelo contrário, o objetivo é simplesmente oferecer uma imagem destes estudos que permita compreender simultaneamente a sua configuração múltipla e as suas possibilidades potenciais de diálogo e recomposição (ELSBACH; VAN KNIPPENBERG, 2020). A primeira etapa da pesquisa conecta trabalhos e literaturas aparentemente desassociadas para desenvolver categorias – a partir de similaridades e diferenças / ligações e lacunas encontradas – que ligam conceitos e, ao mesmo tempo, produzem fronteiras. Logo, em consonância com Parmigiani e King (2019), o presente texto não oferece uma síntese das pesquisas sobre decolonial no Brasil, mas constrói um modelo conceitual para cada um dos subcampos que não apenas enquadra tais subcampos, mas os relaciona visando impulsionar futuras pesquisas.

É a partir deste movimento que a pesquisa emprega a visão de revisão de literatura problematizante (ALVESSON; SANDBERG, 2020). Este movimento fez com que o texto passasse a centralizar seus esforços em um dos quatro subcampos mapeados, a saber: Administração e Estudos Organizacionais. Por fim, a atenção recai sobre a reavaliação dos termos e categorias, bem como sobre as abordagens, objetos e temáticas empregadas por pesquisas decoloniais situadas no campo de estudos da Administração e dos Estudos Organizacionais. Assim, pretende-se oferecer uma revisão de literatura focada e crítica nos limites e oportunidades para pesquisas organizacionais decoloniais.

Cartografias possíveis: por uma análise da produção acadêmica

Estudos que promovam o mapeamento da recepção, do impacto e da circulação de perspectivas teóricas nos mais variados campos da produção do conhecimento, de fato, não representam nenhuma novidade na atividade científica brasileira. Áreas tão diversas quando a Administração (e.g. LACRUZ; AMÉRICO; CARNIEL, 2017), as Ciências Sociais (e.g. CAMPOS; FERES JÚNIOR; GUARNIERI, 2017), a Educação Especial (e.g. HAYASHI; GONÇALVES, 2018), os Estudos Organizacionais (e.g. CARNIEL; AMÉRICO, 2018), a Psicologia (e.g. FRADKIN, 2017), o Marketing (e.g. OLIVERIRA; TEODÓSIO, 2019) para

mencionar apenas alguns exemplos recentes de publicações nacionais com este caráter, já se acostumaram a realizar balanços provisórios dos efeitos gerados pela emergência, adensamento ou hegemonia de certas ideias em redes localizadas de trabalho intelectual. Essas formas de descrever e de analisar as maneiras pelas quais o trabalho acadêmico se organiza, adquire coerência, credibilidade e materialidade, equivalem a tentativas de oferecer sentidos e significados à imensa quantidade de publicações científicas geradas no país¹. Igualmente, uma síntese periódica do “conhecimento” é necessária, não apenas diante da quantidade, mas também da velocidade com que novas publicações são disponibilizadas à sociedade (BORNMANN; MUTZ, 2015).

Os estudos decoloniais já contam com uma revisão de literatura para a área de Ciências Sociais que aponta lacunas e possibilidades. Considerando que “*the novelty and importance of the review topic . . . are weighed heavily*” (PARMIGIANI; KING, 2019, p. 3085), o presente estudo evidencia que a noção de decolonial é cada vez mais relevante para o conhecimento produzido por acadêmicos latino-americanos e, nesta esteira, produz uma revisão de literatura alternativa a que é atualmente oferecida aos acadêmicos brasileiros, evitando um esforço redundante de pesquisa. Assim, espera-se oferecer um retrato panorâmico das publicações acadêmicas que se articularam em torno dos estudos decoloniais durante a última década.

Neste texto, realizamos uma análise das ocorrências, das distribuições e dos conteúdos de pesquisas desenvolvidas por intelectuais brasileiros e indexadas nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science* – os maiores bancos de dados de publicações revisadas por pares que incluem revistas científicas, livros e anais de congressos². Foram identificados 253 documentos. Como dados recuperados de bancos de dados bibliográficos podem conter registros duplicados e/ou erros de registro, realizamos um pré-processamento. Nessa etapa

¹ No Brasil, conforme informações oferecidas pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), atualmente cerca de 95% das pesquisas desenvolvidas são produzidas pelas universidades públicas, sobretudo nos programas de pós-graduação. Segundo o relatório desenvolvido pelo instituto *Clarivate Analytics* (CROSS; THOMSON; SIBCLAIR, 2018), esse volume de produções representou apenas entre os anos de 2011 e 2016 um total de 250.680 mil artigos. Desse total, apenas a área de ciências sociais contribuiu com 11.555 mil artigos. Nesse sentido, encontrar maneiras de interpretar esse volume gigantesco de informações nos parece constituir, tanto para a pesquisa quanto para a formação, um dos principais desafios heurísticos de nossa época.

² Para seleção dos documentos, verificamos no dia 06 de maio de 2019, nas bases *Scopus* e *Web of Science*, o uso dos termos “*decolonial*” ou “*decoloniais*” no título ou nas palavras-chave do autor ou nas *keywords plus* ou no resumo dos documentos, sem delimitação temporal ou de língua. Além disso, como critério de corte, a pesquisa foi refinada, filtrando-se os resultados para o Brasil como país de afiliação do autor. Para tanto foram usadas as *queries* (TS=(*decolonial** OR *decoloniais*) AND CU=(Brazil)) e (TITLE-ABS-KEY (*decolonial** OR *decoloniais*) AND AFFILCOUNTRY (brazil)), respectivamente nas consultas na *Web of Science* e *Scopus*. Para o processamento dos dados foi utilizado o pacote bibliometrix (ARIA; CUCCURULLO, 2017) para o software R (R CORE TEAM, 2019).

foram identificados 7 registros duplicados e 29 documentos com erros de registro (por exemplo, ausência de palavras-chave), que foram corrigidos manualmente e depois verificados para garantir a correção da inserção manual dos dados. Como nenhum erro de registro implicou em duplicação, após o pré-processamento, a base de dados contou com 246 registros únicos de publicações identificadas com os estudos decoloniais.

A opção por estudar tais produções, em detrimento de palestras, vídeos, materiais didáticos, programas curriculares, teses, dissertações ou outras expressões da atividade científica, está relacionada com a centralidade que estes artefatos adquiriram na avaliação dos programas de pós-graduação no Brasil. Através desse conjunto de textos, a expectativa é oferecer uma cartografia possível de redes dinâmicas de trabalho que promovem não apenas a tradução de perspectivas decoloniais para o contexto nacional, mas também participam ativamente da sua reconstrução enquanto campos emergentes de interesses e de disputas pela postulação de determinadas interpretações do social.

Desse modo, procuramos modelar nossa base de dados utilizando ferramentas bibliométricas de investigação da produção do conhecimento que possibilitassem percorrer o território intelectual, social e conceitual dos estudos decoloniais no Brasil. Assumimos enquanto princípios analíticos para organizar esse conjunto de textos marcos temporais, espaciais e relacionais que nos permitiram delimitar quem, quando, onde e o que esteve sendo produzido enquanto conhecimento científico no campo nacional dos estudos decoloniais. Tais estratégias investigativas revelaram-se úteis para a compreensão da estrutura de um campo intelectual ainda em formação no país. Por meio delas, pretendemos oferecer um retrato geral do volume e da historicidade das publicações, bem como dos vínculos intelectuais e institucionais estabelecidos pelos diversos atores envolvidos na construção de conhecimentos identificados com as perspectivas decoloniais. Para tanto, examinaremos o modo pelo qual a literatura científica brasileira pôde mobilizar certas comunidades acadêmicas em torno do decolonial a partir da criação de redes de trabalho intelectual, da interconexão de áreas e objetos de conhecimento e da fabricação de tradições teóricas em comum.

A intenção não é a de realizar uma arqueologia dos estudos decoloniais para debater os “regimes discursivos” (FOUCAULT, 2002) que os sustentam na vida acadêmica brasileira. Nem mesmo definir, a partir desta investigação, o que poderia ou não ser classificado enquanto uma perspectiva decolonial. Sabemos que a tentativa de desestabilizar a construção eurocentrada de conhecimentos implica também na suspensão e na crítica das estruturas modernas e coloniais que organizam a atividade científica. Nossa ambição neste trabalho é mais modesta. Pretendemos tão somente cartografar os territórios intelectuais a partir dos

quais certas comunidades acadêmicas puderam se estabelecer e identificar os principais nós que organizam os vínculos entre instituições, pesquisadores e tradições teóricas. Neste caso, a noção de redes de trabalho especializado se revelou mais apropriada do que a de grupos; entre outras coisas porque ela confere maior flexibilidade e materialidade para a análise proposta. Afinal, ao localizar as teias de relações traçadas por aquelas publicações, fomos capazes refletir sobre os seus impactos potenciais na vida universitária e sobre aquilo que estão inscrevendo enquanto saberes decoloniais. Dessa maneira, começamos a revirar as páginas dos textos que reunimos neste artigo em busca de respostas para as seguintes perguntas de pesquisas: qual seria o lugar do decolonial na produção acadêmica brasileira e de que forma a circulação contemporânea de tais estudos estaria influenciando o desenvolvimento de novas agendas de pesquisa no país?

O decolonial em números integrativos: redes, atores e referenciais

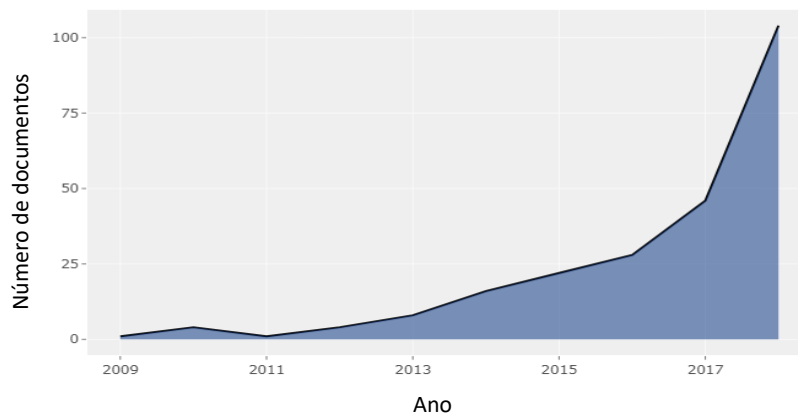
Tão logo iniciamos a análise das 246 publicações acadêmicas que localizamos nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, foi surpreendente constatar a aparição relativamente tardia e controversa do primeiro artigo relacionado aos estudos decoloniais de autores brasileiros. Datado de janeiro de 2009 e veiculado pelo periódico *Theory, Culture & Society*, o texto redigido por José Maurício Domingues (2009, p. 112) propôs uma leitura crítica de “recent social, cultural and political developments in Latin America, with special reference to the ‘modernity/coloniality’ project, as well as offering an alternative sociological interpretation of the contemporary subcontinent”. Como se sabe, tal campo de produção do conhecimento surgiu na América Latina durante década de 1990 (BALLESTRIN, 2013) e as primeiras traduções de obras sobre o tema para a língua portuguesa foram lançadas ainda na virada do século XXI (e.g. SOUSA, 1999, CASANOVA, 2002, FERES JÚNIOR, 2005, LANDER, 2003). Nesse caso, as reflexões de Domingues parecem ter representado uma espécie de marco simbólico da lenta e polêmica recepção daquilo que seria chamado de uma “virada decolonial” no universo acadêmico brasileiro.

Professor no Instituto de Estudos Econômicos, Políticos e Sociais da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP/UERJ) e autor de diversas obras sobre modernização e desenvolvimento no pensamento social brasileiro, Domingues realizou em seu artigo uma apresentação bastante “ácida” das ideias de Walter Mignolo. Considerado por ele “as the main expression of that ‘post/decolonial’ project”, as perspectivas teóricas de Mignolo foram introduzidas no debate acadêmico brasileiro através das lentes de Domingues (2009, p. 112-113) na qualidade de um “interpretive effort that reflects actual social changes but offers

misguided theoretical and political perspectives”. Desse modo, Domingues (2009, p. 129) concluiu sua argumentação sugerindo que “Latin American sociology must come to grips with general theorizations, beyond mere description, case studies and a loosely defined ‘critical’ stance”. Mesmo que o impacto dessa análise precise ser relativizado, sobretudo se considerarmos os limites de sua repercussão em áreas distantes da sociologia, talvez ela simbolize algo importante sobre o modo pelo qual a intelectualidade brasileira percebia as contribuições potenciais da crítica decolonais sobre si mesma até aquele período.

Nos anos seguintes, entre 2010 e 2012, nove publicações sobre o tema apareceram em nossa base de dados, pluralizando e complexificando o lugar desses estudos na cena nacional. Algumas delas procuraram situar o decolonial enquanto um tipo de “pensamento de fronteira”, mais ou menos capaz de desestabilizar ontologias coloniais tão estabelecidas quanto a “sociologia europeia” (e.g. RODRÍGUEZ; BOATCÃ; COSTA, 2010) ou o “imperialismo cultural” (e.g. RIBEIRO, 2011). Outras já sinalizavam o desenho preliminar de certas redes de produção do conhecimento, a exemplo daquela que seria criada em torno da parceria entre o pesquisador mexicano Eduardo Ibarra-Colado e os pesquisadores Alexandre Faria e Ana Lúcia Guedes da Escola Brasileira de Administração e Negócios da Fundação Getúlio Vargas (EBAPE/FGV) (e.g. FARIA; IBARRA-COLADO; GUEDES, 2010). Em que pese o caráter exploratório que pode ser atribuído a esses trabalhos, é interessante notar como a circulação dos estudos decoloniais entre nós começou a se organizar em torno do debate a respeito da legitimidade e do rendimento heurístico dessas “novas” teorizações latino americanas na interpretação do país.

A partir de 2013, contudo, esse quadro se alteraria substancialmente e a “novidade” teórica trazida pelo decolonial parece ter adquirido credibilidade suficiente para se estabelecer enquanto um campo emergente de produção do conhecimento. Foi a partir daquele momento que as movimentações que envolveram a incorporação de uma perspectiva crítica a respeito da colonialidade pôde adquirir materialidade e densidade. Como é possível observar na Figura 1, o volume de publicações identificadas com a produção do conhecimento decolonial cresceu exponencialmente no período.

Figura 1 – Produção científica sobre estudos decoloniais de autores brasileiros (2009-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Como indicam os dados coletados nesta pesquisa, talvez ainda seja cedo para avaliarmos a extensão e a força do crescimento dos estudos decoloniais na vida acadêmica brasileira. Porém, entre os anos de 2009 e 2018 já é possível visualizar o desenho de campos multidisciplinares de produção de conhecimentos especializados sobre o tema que, em um curto intervalo de tempo, impactariam tradições disciplinares tão diversas quando as Ciências Exatas, as Humanidades, a Saúde e as Sociais Aplicadas. Nesse período, foram publicados 231 artigos e 15 livros (ou capítulos) apenas nas bases de dados analisadas; cuja produção intelectual reuniu 365 pesquisadores e envolveu 154 periódicos e 97 instituições de ensino superior ou programas de pós-graduação dentro e fora do país. Trata-se, sem dúvida, de um conjunto amplo de produções intelectuais que sinaliza a existência de diferentes focos de interesse e de rotinização dessas ideias e teorias que hoje parecem começar a se adensar em torno de uma poderosa crítica latino-americana das epistemologias e tradições de pesquisa coloniais. Na Tabela 1 procuramos apresentar uma fotografia panorâmica da produtividade e do impacto de alguns autores que mais contribuíram para o crescimento dessa perspectiva no país e procuramos situá-los em relação as respectivas instituições a que estiveram vinculados.

Tabela 1 – Autores relacionados aos estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)

Autor	IES	Publicações	H-Index
Alexandre de Almeida Faria	EBAPE/FGV	10	4
Claudia Junqueira de Lima Costa	UFSC	5	3
Marcelo Carvalho Rosa	UnB	6	2
Sergio Eduardo de Pinho Velho Wanderley	Unigranrio	3	2
Rafael Alcadipani	EAESP/FGV	2	2
Sérgio Costa	FU Berlim	2	2
Ana Lucia Malheiros Guedes	EBAPE/FGV	2	2
Gustavo Lins Ribeiro	UnB	2	2
Luciana Maria de Aragão Ballestrin	UFPeI	3	1
Roberta Gondim de Oliveira	Fiocruz	4	1

Fonte: Elaborado pelos autores.

Entre os principais nomes que cooperaram para esta “virada decolonial” no pensamento social brasileiro, conforme procuramos demonstrar através da Tabela 1, está o de Alexandre Faria – especialista nas áreas de estratégia e marketing e *critical management studies*. Autor de 10 artigos no período analisado, ele é um dos agentes centrais em uma rede de trabalho na administração que conectou 13 pesquisadores e 8 instituições de ensino superior em torno da EBAPE/FGV. Professor e diretor da escola desde 2004, Faria também se tornaria nos anos seguintes coordenador do *International Masters in Practicing Management* na FGV e professor visitante em diversas outras instituições de pós-graduação em administração nos Estados Unidos e na Inglaterra. Sua produção intelectual relacionada com os estudos decoloniais inicia-se em 2010 e impactaria diretamente ao menos outras 206 pesquisas até julho de 2019, de acordo com o *Google Scholar*. Em linhas gerais, a produção de Faria sobre o tema dialoga com as perspectivas de seu colega, Eduardo Ibarra-Colado (2006, p. 479), para quem o decolonial oferece aos estudos organizacionais um novo projeto ao inaugurar a possibilidade de “abandoning the safe space where ‘practices of falsification of knowledge of the centre’ reside, and to risk ‘thinking as other’ in order to appreciate those submerged realities that have been hidden for so long by the narratives of modernity”.

Além desta comunidade acadêmica que se formou na administração brasileira em interlocução direta como os estudos decoloniais, outros trabalhos também parecem ter estruturado tal campo nacional, tendo em vista seu impacto relativo na produção de novas pesquisas. Estamos nos referindo, em particular, aos artigos de Luciana Ballestrin (2013), na *Revista Brasileira de Ciência Política*, e de Marcelo Rosa (2014), no periódico *Current Sociology*, que acumularam 406 e 67 citações no *Google Scholar* até junho de 2019.

Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, na Universidade Federal de Pelotas (UFPel) e editora da RESuLACP, Ballestrin (2013, p. 89) apresenta em seu texto “a constituição, a trajetória e o pensamento do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C)”, que define como “a radicalização do argumento pós-colonial no continente por meio da noção de ‘giro decolonial’”. De modo semelhante, o artigo de Rosa (2014, p. 2), professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia na Universidade de Brasília (UnB), discute “the ways in which the South has been brought to the core of the theoretical debates within the social sciences”. Assim, esses ensaios bibliográficos, e outros do mesmo tipo, parecem ter cumprido o papel de atualizar, sistematizar e reintroduzir algumas das teorias sociais que reivindicam renovação crítica para o pensamento latino-americano, oferecendo caminhos analíticos para o desenvolvimento de agendas de pesquisa interessadas em desestabilizar ontologias colonialistas e reivindicar outros *locus* de enunciação do social.

Ainda que se possa constatar, por meio do banco de dados analisado, a relevância de determinadas instituições, autores e textos na organização do campo discursivo dos estudos decoloniais no Brasil, nos parece relevante ressaltar o modo pelo qual esta perspectiva pôde disseminar-se por múltiplas áreas do conhecimento. O que nos levou a um exame mais detalhado dos principais periódicos que veicularam tais trabalhos. Isso porque partimos da hipótese de que eles estariam disseminando aquilo que seria reconhecido enquanto uma perspectiva decolonial crível segundo os critérios hegemônicos de validação do conhecimento científico no país. Aplicando a lei de Bradford³, chegamos a 17 periódicos e os situamos em áreas do conhecimento a partir da própria maneira pela qual se apresentam. Responsáveis por um terço dos documentos indexados pelas bases de dados *Scopus* e *Web of Science* no período, tais periódicos funcionam como fontes por meio das quais outros autores entram em contato com certas publicações, dialogam criticamente com elas e tendem a enviar as suas próprias. Desse modo, conseguimos estabelecer um núcleo de fontes que se revelou produtivo para a compreensão da recepção e da circulação dos estudos decoloniais em áreas particulares do conhecimento.

³ A lei de Bradford estabelece que ao ordenar de forma decrescente de produtividade de artigos de determinado assunto nos periódicos possibilita estabelecer *clusters* divididos de forma que o número de periódicos em cada *cluster* será proporcional a $1: n: n^2$. Assim, a lei de Bradford pressupõe que após a publicação de alguns artigos sobre um novo tema de um campo científico em alguns periódicos, esses mesmos periódicos irão polarizar artigos sobre este novo tema durante um tempo e, paralelamente, outros periódicos iniciarão a publicação dos primeiros artigos sobre esse mesmo tema. Caso haja a consolidação deste novo tema, então surgirá um núcleo gravitacional de periódicos que mais publicaram sobre o tema.

Figura 2 – Periódicos com maior volume de publicações sobre estudos decoloniais de autores brasileiros (2009-2018)



Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 2 optamos por agrupar os periódicos analisados em sete áreas do conhecimento habitualmente utilizadas pela Capes para classificar e avaliar o conhecimento científico produzido no país a partir de conjuntos de objetos e de práticas de pesquisa semelhantes. Por meio do número de artigos relacionados com os estudos decoloniais disponível em cada periódico, foi possível observar não apenas a relevância das ciências sociais enquanto campo discursivo privilegiado na interlocução com os estudos decoloniais, como também sua concentração em áreas que não figuraram nas análises iniciais que realizamos, como as de educação, letras e linguística. A intenção não é avaliar quais áreas ou autores estariam impulsionando a produção de estudos decoloniais no Brasil com mais rigor ou produtividade, mas demonstrar como houve um processo de rotinização de objetos, ideias e perspectivas, ao mesmo tempo em que cada campo fabricou seus próprios diálogos para configurar agendas de pesquisa particulares *com e a partir* das teorias decoloniais. Na próxima sessão iremos mergulhar nessas publicações com o objetivo de revelar os repertórios teóricos e as agendas específicas de pesquisa construídas através dos campos discursivos que identificamos em nossa base de dados. A expectativa, portanto, é a de apresentar a conformação recente dos estudos decoloniais enquanto um projeto plural, multidisciplinar e em disputa no país.

Virando a página: emergência de uma categoria político-analítica a partir da integração de um referencial teórico comum

Como temos percebido desde as universidades brasileiras, as atuais políticas de financiamento e de avaliação da atividade científica que se pautam globalmente por indicadores bibliométricos têm se convertido em dispositivos de classificação e controle que tendem a reproduzir desigualdades há muito estabelecidas nos meios acadêmicos. As desigualdades se expressam pelos ranqueamentos universitários, mas também no perfil dos periódicos, que ainda hoje constituem um dos principais indicadores de qualidade na produção intelectual. Denunciar o caráter arbitrário, capacitista, capitalista, colonial, racista e sexista desses índices é certamente uma tarefa decolonial (GROSFOGUEL, 2016). Paradoxalmente, também é exatamente por conta dessa pressão exercida pelos padrões de eficiência científica impostos aos pesquisadores que querem ver seus trabalhos publicados em que revistas de qualidade reconhecida em sua área de atuação que vale a pena observar com atenção a produção por eles veiculada. Nesses periódicos, nos parece estar sendo disputado um jogo estratégico de adequação às normas, estilos e tradições estabelecidas através de sistemas euro-estadunidenses de produção científica e, simultaneamente, de subversão dessas convenções a partir da introdução de outros objetos, outros problemas e novas perspectivas intelectuais.

Ao analisar os artigos publicados nos 17 periódicos com maior volume de publicações relacionadas aos estudos decoloniais no Brasil que identificamos nas bases de dados *Scopus* e *Web of Science*, começamos a visualizar a conformação de um repertório teórico comum. O que sugere a estabilização de diálogos intelectuais que podem estar favorecendo a configuração de um campo discursivo próprio e relativamente autônomo. Nesse sentido, talvez seja factível assumir que nomes de intelectuais latino americanos como os de Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Catherine Walsh, Ramón Grosfoguel, Enrique Dussel, Arturo Escobar, Santiago Castro-Gomes, entre tantos outros, mais do que homogeneizar as perspectivas teóricas que organizam a produção decolonial do conhecimento na academia brasileira, estão se tornando pontos de passagem obrigatórios para quem deseja se aventurar por este campo do saber. Ou seja, suas obras estabelecem categorias, ajudam a formular problemas e propõe hipóteses por intermédio das quais outros estudos são desenvolvidos. Na tabela 2 listamos os autores mais referenciados pelas publicações sobre estudos decoloniais no país, indicando o número total de citações.

Tabela 2 – Autores mais referenciados pelas publicações sobre estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)

Autores referenciados	Nº de citações^a
Walter Dignolo	274
Aníbal Quijano	190
Catherine Walsh	123
Ramón Grosfoguel	102
Enrique Dussel	87
Arturo Escobar	65
Santiago Castro-Gomez	65
Michel Foucault	60
Judith Butler	58
Gayatri Spivak	56
Paulo Freire	51
Luciana Maria de Aragão Ballestrin	50
Maria Lugones	49
Nelson Maldonado-Torres	48
Frantz Fanon	42

Fonte: Elaborado pelos autores.

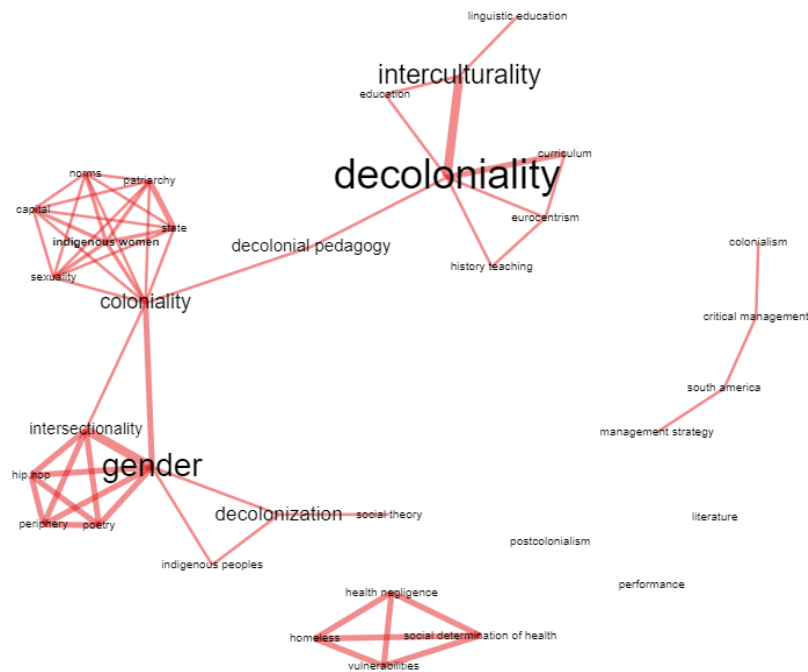
^a Escala de cor em gradação do verde (valor mais alto) para o vermelho (valor mais baixo).

Em meio a este amplo repertório de autores e ideias, que articula perspectivas decoloniais com outras tradições também críticas ao universo colonial-moderno – como as teorias feministas, os pós-marxismos, os pós-estruturalismos, os pós-modernismos e os pós-colonialismos (RESTREPO; ROJAS, 2010) –, identificamos a recorrência de determinadas obras e categorias teóricas na produção acadêmica brasileira. Entre as referências mais utilizadas em nossa base de dados, observamos a sistemática menção a três textos em particular: *Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking* (MIGNOLO, 2000), *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina* (QUIJANO, 2003) e *The darker side of western modernity: Global futures, decolonial options* (MIGNOLO, 2011). Tal centralidade destes escritos coincidiu com o impacto significativo que geraram na produção acadêmica internacional – segundo o *Google Scholar*, eles foram mobilizados, respectivamente, por 4.967, 4.713 e 1.834 outros textos até junho de 2019.

Em que pesem as diferenças em suas abordagens, pode-se dizer que a “opção decolonial” inscrita nas obras de Walter Dignolo e Aníbal Quijano enfatiza a consciência da “diferença colonial”, efeito da colonização da América Latina e do Caribe pela Espanha e Portugal entre os séculos XVI e XIX, e a necessidade social, política e intelectual de destruir

ou desligar-se da “colonialidade do poder” euro-norteamericano para construir projetos autônomos de emancipação da vida no continente. Nesse sentido, a crítica decolonial proposta pelos autores denuncia a continuidade histórica das relações de opressão que se expressam violentamente através de noções colonialistas de classe, gênero e raça. Assim, questionam os cânones históricos e epistemológicos que estruturaram o sistema-mundo moderno-colonial para abrir espaço à outras geopolíticas (ou corpo-políticas) do saber. Trata-se, nos termos de Mignolo (2012, p. 29), de epistemes fronteiriças que emergem da “exterioridade estruturada pela modernidade/colonialidade quando esta última se constituiu como interioridade”. Por meio desse lócus de enunciação fraturado pelas “feridas” coloniais – que se inscrevem nos corpos, experiências, memórias, trajetórias e subjetividades dos povos no continente – a aposta decolonial parece se concentrar na “desobediência”; ou melhor, nas possibilidades políticas, intelectuais e pedagógicas de se desaprender para reaprender a própria história de lutas e de resistências que a colonialidade nos legou.

Diante do audacioso projeto de denúncia, contestação e recriação do pensamento social latino americano proposto pelos estudos decoloniais, optamos por direcionar nossa investigação para a procura pelas agendas de pesquisa que surgiram com força no Brasil ao longo da última década. Para isso, selecionamos as palavras-chave que comunicam os conteúdos gerais dos documentos, os localizam em determinados campos ou subcampos especializados de produção do conhecimento científico e auxiliam a sua indexação em bases de dados e sistemas de busca. Evidentemente, tais termos não abarcam a complexidade dos temas, objetos e perspectivas que configuram as pesquisas que dialogam com o decolonial. Contudo, associados aos títulos e resumos, tais termos nos parecem expressar e sintetizar a “face pública” dos textos veiculados, de modo que possamos perguntar: quais são as expressões que mais têm contribuído para agregar e identificar o campo dos estudos decoloniais no Brasil? Na Figura 3 apresentamos as principais redes de coocorrência formadas pelas palavras-chave que indexaram os 83 artigos publicados nos 17 periódicos que selecionamos através da Lei de Bradford (Figura 2) – alcançando, assim, cerca de um terço dessas publicações entre os anos de 2009 e 2018.

Figura 3 – Rede de coocorrência de palavras-chave (2009-2018)⁴

Fonte: Elaborado pelos autores.

Em cada uma das redes que compõe a Figura 3, os vértices representam as palavras-chave que foram utilizadas ao menos por dois artigos diferentes, o tamanho das palavras refere-se ao número de ocorrências que elas obtiveram, as arestas indicam as relações de coocorrência e a sua espessura é proporcional à intensidade de coocorrências. Por meio desta análise foi possível perceber que os estudos decoloniais estão se configurando no Brasil em torno do que talvez possamos chamar de 4 subcampos discursivos.

A configuração plural dos estudos decoloniais no Brasil

Considerando que os estudos decoloniais estão se estabelecendo como um campo particular de pesquisa e de produção político-intelectual no Brasil, nos pareceu relevante para esta análise observar a sua configuração interna. Desse modo, procuramos tratar os quatro eixos de articulação temática identificados na Figura 3 como subcampos discursivos – *coloniality and decoloniality*, *health and vulnerabilities*, *gender and interculturality*, and

⁴ Para favorecer a compreensão da Figura 3, disponibilizamos uma versão online (arquivo HTML) que possibilita a visualização das redes de coocorrência formadas a partir da interação com cada uma das 34 palavras-chave identificadas. A figura pode ser acessada através deste link: <omitido para preservar o anonimato dos autores. O arquivo foi incluído como documento suplementar no processo de submissão do artigo à revista>

critical management. Eles são relativamente autônomos uns dos outros em relação aos diferentes diálogos disciplinares que estabelecem, mas ao mesmo tempo estão integrados aos repertórios intelectuais que constituíram a agenda mais geral dos estudos decoloniais durante a última década. Desse modo, no Quadro 1 procuramos sistematizar os principais descritores e as abordagens transversais que foram enunciadas pelos textos indexados nas bases investigadas.

Quadro 1 – Subcampos de estudos decoloniais no Brasil (2009-2018)

Subcampos		Descritores comuns	Abordagens transversais
<i>Coloniality and Decoloniality</i>		<i>curriculum, decolonization, education, eurocentrism, higher education, hip hop, history teaching, indigenous intersectionality, people, linguistic education, management tools, patriarchy, periphery, poetry, social participation, social theory, sexuality and state.</i>	Estudos que dialogam com teorias sociais, políticas e pedagógicas, contestando assimetrias e propondo formas diversas de re-aprendizagem e de re-existência que partam da experiência dos sujeitos colonizados.
<i>Gender and Interculturality</i>		<i>multicultural feminism, interseccionalities, relationality, discourse positioning, political practices and aesthetics.</i>	Estudos que problematizam o legado eurocêntrico e colonial para articular teorias feministas que as múltiplas camadas de opressão que estruturam as desigualdades de gênero e de sexualidade na América Latina.
<i>Health and Vulnerabilities</i>		<i>health negligence, homeless, social determination of health and vulnerabilities.</i>	Estudos sobre as relações potenciais entre saúde, racismo e vulnerabilidade que correlacionam a crítica a desigualdade com a agenda política da saúde coletiva.
<i>Critical Management Studies</i>		<i>critical management, colonialism, management strategy and South America.</i>	Estudos que oferecem respostas organizacionais aos desafios impostos pela racionalidade econômica e pelas práticas neoliberais.

Fonte: Elaborado pelos autores.

O primeiro subcampo identificado, que reúne o maior número de palavras-chave associadas, organiza-se em torno das categorias *coloniality e decoloniality*. Estas categorias articulam uma ampla variedade de abordagens, objetos e temáticas que estiveram sendo privilegiadas pela maior parte das investigações que foram realizadas ao longo da última década, tais como: *curriculum, decolonization, education, eurocentrism, higher education, hip hop, history teaching, indigenous intersectionality, people, linguistic education,*

management tools, patriarchy, periphery, poetry, social participation, social theory, sexuality e state.

Esse subcampo agrega estudos que dialogam fortemente com teorias sociais, políticas e pedagógicas latino americanas, enfocando tanto a necessidade de contestação e desconstrução dos essencialismos e assimetrias que estruturam os projetos modernos quanto as capacidades de re-aprendizagem e de re-existência dos sujeitos colonizados. Nos artigos considerados, os estudos decoloniais são enquadrados ora como uma perspectiva heurística com uma tradição autônoma (e.g. BALLESTRIN, 2013), ora como uma variação dos estudos pós-coloniais (e.g. COSTA, 2014) ou das teorias do sul (e.g. ROSA, 2014). A articulação entre tais escritos, nesse sentido, ocorre através das diferentes tentativas de se desenvolver pedagogias decoloniais que, como observam Catherine Walsh, Luiz Fernandes de Oliveira, Vera Maria Candau (2018, p. 5), levem a sério a experiência de “sujeitos subalternizados pela colonialidade, como povos indígenas e afrodescendentes, quilombolas, diversidades de sexo-gênero e outros marcadores das diferenças contrapostas às lógicas educativas hegemônicas”. Assim, propõe a interlocução “com experiências críticas e políticas enraizadas nas lutas e práxis dos colonizados pela modernidade”.

Outro subcampo denso, mas relativamente afastado do anterior em relação às associações acadêmicas estabelecidas entre os artigos analisados, concentra-se em torno das categorias *gender e interculturality*. Tais estudos agregam de forma praticamente simétrica as expressões: *multicultural feminism, interseccionalities, relationality, discourse positioning, political practices and aesthetics*. Através desta rede pode-se observar a configuração de feminismos decoloniais que abordam, por meio de perspectivas relacionais, variadas condições, práticas, linguagens, traduções, negociações e intersecções implicadas nas experiências de sujeitos ou de coletivos que vivenciam as violências e desigualdades de gênero. A exemplo do que afirma Claudia de Lima Costa (2016, p. 48), “Latin American feminist theories, especially those articulated by subaltern/racialized subjects, operate within an epistemological referent that is distinct from the analytic models of critique historically based on dichotomies”. De acordo com a autora, “They are, in very creative ways, enabling alternative possibilities that go beyond those offered by feminist postcolonial theories”.

Outros dois subcampos, com baixa densidade, também podem ser localizados nas bases de dados analisadas. O primeiro deles se organiza em torno dos termos: *health negligence, homeless, social determination of health e vulnerabilities*. Nesta rede, os estudos decoloniais são acionados enquanto um “aporte” teórico, entre outros, que permite a análise de saberes, políticas e práticas de saúde pública em meio as situações de extrema precariedade

social que se estabeleceram no Sul global. Para Roberta Godim Oliveira (2018, p. 39), tal abordagem favorece um tipo de compreensão da “vulnerabilização de vidas humanas, que se expressam em diversas matizes de desigualdades, localizando-a como historicamente ancorada na matriz da colonialidade moderna” – o que impõe para as políticas públicas e modelos de governança sanitária, conforme a autora, a análise dos processos que forjam “diferenciações e invisibilidades de territórios, de sujeitos e de formas de estar no mundo”. Desse modo, as relações entre saúde, racismo, vulnerabilidade e colonialismo propostas por este conjunto de escritos parecem correlacionar os estudos decoloniais com uma agenda de pesquisas própria ao campo da saúde coletiva no país.

O segundo subcampo de baixa densidade e relativamente desarticulado dos demais reúne as palavras: *critical management*, *colonialism*, *management strategy* e *South America*. Nele a abordagem decolonial emerge enquanto uma crítica radical daquilo que Márcio Moutinho Abdalla e Alexandre Faria (2017, p. 916) já chamaram de uma “cumplicidade” dos estudos em administração com o “expansionismo do capitalismo financista global” sobre os mais diversos setores da população. Segundo os autores, a opção decolonial sugere para estes estudos a “co-construção de uma agenda transcospopolita . . . no (e a partir do) Brasil, que promova conhecimentos e práticas . . . como alternativa à radicalização da pobreza e da desigualdade geopistêmica”. Nesse caso, o engajamento com a elaboração de respostas organizacionais aos problemas gerados por modelos colonialistas de desenvolvimento e de gestão parece sinalizar certa preocupação com as assimetrias acentuadas pela expansão da racionalidade econômica e de práticas neoliberais. Tal postura intelectual implica na análise crítica da própria posição ambivalente ocupada pelo Brasil no continente. Um país que historicamente sofre com as feridas abertas pela opressão colonial, mas continua desprezando e desarticulando projetos alternativos de autonomia e emancipação social nas relações com outros países do Sul global.

Embora compartilhem princípios epistemológicos semelhantes, sobretudo no que se refere a crítica das ontologias coloniais que sobresscrevem os saberes periferizados pelo discurso moderno, nos parece relevante observar que estes quatro subcampos enfatizam aspectos diferentes do real a partir de diferentes abordagens. Sabemos que toda teoria implica em uma prática, ou, no caso dos estudos decoloniais, em uma agenda política. No entanto, esta agenda política da crítica decolonial não poderia ser potencializada em seus efeitos e eficácias se os diferentes subcampos que constituem os estudos decoloniais no Brasil aprendessem a honrar suas diferenças heurísticas para compor conhecimentos ao mesmo tempo articulado e divergente.

Por um lado, é importante notar que a Administração e os Estudos Organizacionais têm uma parcela de ferramentas que permitem construir uma alternativa – outros meios de organizar – para os outros campos. Ou seja, ferramentas que são úteis para que as pessoas possam não simplesmente se desligar intelectualmente, criticamente, existencialmente, mas principalmente em termos de produção, organização e gestão da vida. Um exemplo prático pode ser dado por meio dos estudos sobre performatividade organizacional crítica, que analisam modo de existência que representem alternativas à universalização de lógicas capitalistas que moldam o sistema mundo moderno-colonial em que vivemos, como certas instituições solidárias de micro finança (e.g. MARCONATTO; CRUZ; MOURA; TEIXEIRA, 2017) ou algumas das cooperativas de trabalhadores (e.g. LECA; GOND; BARIN CRUZ, 2014).

Por outro lado, estas experiências administrativas apenas parecem adquirir sentido se puderem oferecer respostas que dialoguem com a experiência histórica de sujeitos, individuais e coletivos, que vivenciam desde seus contextos de vida a opressão legada pelo colonialismo e mantida e atualizada pelo imperialismo contemporâneo. Neste sentido, o cotejamento com os demais subcampos que conformam o atual estado dos estudos decoloniais no Brasil talvez ofereça pistas para entrever o decolonial tanto como analítica quanto como prática política e transformação da vida.

No próximo tópico, são reavaliados os termos e categorias, bem como as abordagens, objetos e temáticas empregadas por pesquisas decoloniais situadas no campo de estudos da Administração e dos Estudos Organizacionais para apontar os limites e possibilidades de pesquisas (cf. PATRIOTTA, 2020; ALVESSON; SANDBERG, 2020). Mas se engana quem pensa que a revisão de literatura que problematiza este subcampo interessa apenas aos estudos decoloniais organizacionais. Uma vez que a racionalidade administrativa colonial impõe constantes transformações institucionais que impactam diversas organizações e profissões, podendo incluir até mesmo universidades, movimentos e serviços sociais, é importante compreender as respostas organizacionais aos desafios impostos pela racionalidade econômica e pelas práticas neoliberais.

Decolonizar a administração: considerações finais

Considerando o desenvolvimento recente dos estudos decoloniais, bem como a pressão hegemônica que os modelos de produção do conhecimento sediados no “Norte Global” continuam exercendo sobre a cena intelectual brasileira, não chega a ser surpreendente o lugar duplamente marginal ocupado pelo decolonial nos estudos

organizacionais do país. Afinal, o impacto relativamente baixo da crítica às lógicas neocoloniais e neoliberais no conjunto das pesquisas elaboradas, seja na própria área da administração, seja em sua interlocução com outras áreas que também se dedicam ao tema, sugere que ainda há um longo caminho a ser percorrido para que os estudos organizacionais efetivamente consigam se decolonizar entre nós. Por outro lado, esforços nesta direção já foram iniciados durante a última década (GONZALES-MIRANDA, 2020; MISCOCZKY; CAMARA, 2020, SZLECHTER *et al.*, 2020). Compreendê-los talvez seja uma maneira de repensar as ferramentas de que dispomos para construir outros horizontes analíticos e políticos a partir nossas realidades objetivas. Assim, quem sabe, possamos vislumbrar o florescimento de novas tentativas de transformar ou de se desligar das tradições euro-norte-americanas que tendem a nos explicar “de fora”, como fossemos a sua mera projeção periférica.

Como já observou Ibarra-Colado (2011), o modo pelo qual os processos de gestão e os fenômenos organizacionais costumam ser estudados desde a América Latina remonta uma longa tradição de naturalização de perspectivas que nos são apresentadas por meio de modelos pretensamente universais. Trata-se de um movimento assimétrico de universalização de práticas, de experiências e de saberes criados a partir dos países centrais do capitalismo que totalizam suas explicações acerca do funcionamento e da organização do mundo como sendo a única verdade legítima para globalizar-se. Desse modo, qualquer prática, experiência ou saber produzido desde as distintas realidades latino-americanas passa a ser desqualificado enquanto uma forma de organização estranha, menor, parcial, regional, provinciana, localizada e dependente da história global do suposto desenvolvimento progressivo da modernidade ocidental.

Contra esta autoimagem “perfeitamente perfeita” que o capitalismo moderno e seus representantes mantêm para si mesmos, e sobre todos os seus “outros” periféricos, uma proposta de se decolonizar o conhecimento organizacional começou a ser esboçada na administração brasileira ao menos desde 2010. Os quatro artigos publicados no periódico *Critical Perspectives on International Business* que destacamos no curso desta análise, expressam esse posicionamento crítico e sinalizam os contornos de uma rede de pesquisas tecida no Brasil, especialmente a partir da aproximação de pesquisadores e pesquisadoras da administração como Alex Faria, Ana Lucia Guedes e Rafael Alcadipani. Três destes trabalhos fizeram parte de um dossiê intitulado “*Critical international management and international critical management: perspectives from Latin America*” (IBARRA-COLADO; FARIA; GUEDES, 2010). Em termos gerais, os textos procuraram refletir sobre o conhecimento

acumulado pelas áreas de relações internacionais (GUEDES; FARIA, 2010) e de gestão internacional (FARIA; IBARRA-COLADO; GUEDES, 2010) para contestar a visão exclusivamente moderna das organizações e reivindicar a necessidade de se estudar lógicas alternativas no mundo dos negócios.

Um quarto artigo foi publicado por Alcadipani e Faria (2014) no mesmo periódico alguns anos mais tarde. Nele, os autores chamaram a atenção para o processo histórico de periferização da América Latina na atual geopolítica do conhecimento e argumentaram pela necessidade dos estudos organizacionais praticados no continente construir ferramentas próprias para combater a hegemonia anglo-saxônica na construção de uma esfera “internacional” mais plural e capaz de incluir os saberes e as demandas emergentes em nossos circuitos locais de negócios e de vida. Neste mesmo sentido, as pesquisas de Sergio Eduardo de Pinho Wanderley se somariam ao conjunto de trabalhos que integraram esta rede em formação na administração brasileira, particularmente a partir de 2012. Em um artigo publicado no periódico *Management & Organizational History*, Wanderley e Faria (2012) analisaram as ideias de Alfred Chandler e Celso Furtado no período da Guerra Fria para demonstrar como a intelectualidade norte-americana negligencia o papel de saberes produzidos desde o Sul Global e, assim, tem conseguido reforçar a legitimidade de discursos neocoloniais que os posicionam no centro de um mundo narrado de forma cada vez mais unilateral.

Recentemente, Wanderley e Barros (2018) aprofundaram estas perspectivas observando que os conhecimentos gerenciais e organizacionais produzidos desde a América Latina, ao desligarem-se do predomínio intelectual anglo-saxão e do efeito colonizador que os mantém domesticados, poderiam produzir certos espaços decoloniais fronteiriços que favorecessem pluralidade de ideias e autonomia para as pesquisas produzidas na região. Desse modo, como sugerem os autores, as teorias do Norte e do Sul Global poderiam se reencontrar a partir de suas diferenças coloniais, reconhecendo mutuamente suas capacidades de traduzir os conhecimentos às múltiplas e assimétricas realidades locais para gerar algo efetivamente novo na atual geopolítica do conhecimento que contribuísse para descolonizar os modos hegemônicos de organizar nossas coletividades e inventar outros futuros possíveis. Na Figura 4 procuramos sistematizar tal agenda de trabalho iniciada por esta rede de intelectuais ao longo da última década na configuração de um subcampo que propõe a decolonização da administração brasileira.

Figura 4 – Abordagens decoloniais na administração brasileira (2009-2018)

Fonte: Elaborado pelos autores.

Esse esforço de articular perspectivas decoloniais com os estudos organizacionais, antes de qualquer coisa, exige que possamos reaprender a indagar as categorias tradicionais pelas quais fomos ensinados a analisar as organizações. O que significa que categorias consagradas, homogêneas e universalizadas pela literatura euro-norte-americana especializada – tais como competitividade, concorrência, desempenho, eficácia, eficiência, estrutura, hierarquia, individualização, internacionalização, mérito, produtividade, porte, qualidade, entre tantas outras – precisariam ser contestadas em suas formulações de origem e desorganizadas a partir das múltiplas e contraditórias estratégias de gestão que são praticadas cotidianamente no Brasil. Portanto, ao assumir que os fenômenos cotidianos, habituais e localizados que ocorrem nas organizações que estudamos frequentemente transbordam as explicações estabelecidas, o giro decolonial possibilitaria certa margem de autonomia, de criatividade e de emancipação intelectual, política e pragmática em relação aos diversos modelos genéricos e pretensamente neutros que muitas vezes nos são apresentados como a última novidade teórica na administração.

Parece ter sido esse o desafio que assumiram Couto, Honorato e Silva (2019) ao propor o cotejamento entre os estudos decoloniais latino-americanos e a teoria da prática organizacional. A partir de uma leitura crítica dos desenvolvimentos decoloniais propostos por Enrique Dussel, os autores argumentam que o inquérito produzido pela Administração e os Estudos Organizacionais sobre as categorias de “centro” e “periferia” poderia ser

operacionalizado por meio da noção de prática como teoria e método de pesquisa. Tais articulação teórica nos permite pensar em modelos de gestão específicos, particulares e locais a partir de e para a realidade organizacional investigada. Desse modo, Deste modo, Couto, Honorato e Silva (2019) evidenciam que os estudos decoloniais oferecem pressupostos para que a administração rejeite a visão moderna(nizadora) da organização, bem como as relações funcionais implícitas nesta visão, para focar em lógicas alternativas, nos sujeitos e saberes subalternos, no conhecimento local/situacional e nas relações de proximidade.

Trata-se, portanto, de um exercício analítico que não emprega categorias de análise impostas *a priori* aos interlocutores da pesquisa. Nesse sentido, as reflexões de Couto, Honorato e Silva (2019) sugerem que os estudos decoloniais não precisam se opor às teorias da prática organizacional, mas conferir a elas o seu devido valor de ferramenta de pesquisa, e não de princípio epistemológico. Isso porque, em seu ponto de vista, as teorias da prática oferece meios adequados para investigar a realidade organizacional local, já que sugerem aspectos analíticos que podem e devem ser explorados nas organizações, a exemplo da prática comunicacional em voga no local, do entendimento das regras formais e informais que permeiam as relações de trabalho e de vida – prática, rotina, sentido, emoção, história, símbolos, resistência – organizacional.

Em que pesem os desafios disciplinares particulares enfrentados por este subcampo dedicado ao *critical management studies* para enunciar a pertinência da aproximação entre os estudos decoloniais e organizacionais no Brasil, é necessário observar a proficuidade potencial de alianças intelectuais com os outros três subcampos que identificamos neste investigação, tanto no que se refere ao adensamento das proposições estabelecidas quanto na ampliação das agendas propostas. Afinal, a luta contra o imperialismo e o caráter unidimensional da racionalidade econômica dominante não nos parece estar desarticulada das lutas anticapacitistas, antiracistas, antisexistas que interseccionam desigualdades, preconceitos, violências e vulnerabilidades sociais e exigem a formulação de políticas públicas e estratégias organizacionais complexas. Nesse caso, ao se aproximar de outros subcampos que também incorporam as perspectivas decoloniais, talvez *the critical management studies* possa construir com eles novos horizontes políticos e analíticos para o país. Esta seria uma maneira de incorporar à prática e ao conhecimento organizacional outras dimensões do real, como os afetos, as cooperações, os cuidados, as cumplicidades, as sororidades, as socialidades, as transgressões, enfim, à todas as lógicas necessárias a vida social e a re-existência de nossas coletividades.

Assim, quem sabe, as diferentes propostas de se conceber as organizações em termos de contextos, práticas, teias de significados específicos, poderiam encontrar no giro decolonial um caminho potencial para mergulhar nas singularidades do gerir empreendidas por organizações cuja prática local frequentemente transborda as explicações oferecidas pelos modelos de administração abstratos, genéricos e pretensamente universais.

Conclusão

Neste artigo procuramos oferecer uma revisão de literatura que integrasse os estudos decoloniais brasileiros e, ao mesmo tempo, problematizasse o papel da Administração e nos Estudos Organizacionais como um ativador de práticas emancipatórias que podem ser úteis a todo o campo. Desse modo, constatamos que os estudos decoloniais tem se articulado no Brasil para oferecer perspectivas críticas à organização do sistema mundo em que somos compelidos a viver nossas vidas. Em diálogo com as teorias sociais e feministas, tais estudos tem enfatizado a força heurística de categorias como gênero, raça/etnia e poder enquanto pontos de vista privilegiados para pensar o país em articulação com a realidade latino-americana. Trata-se de um movimento intelectual plural que propõe interpretações múltiplas das lutas antirracistas, antissexistas e emancipatórias que estão sendo empreendidas por diferentes atores coletivos para contestar as desigualdades históricas que se formaram ainda no processo de colonização do continente e cujos efeitos hoje repercutem de forma violenta sobre nossas sociedades nacionais.

De maneira análoga, ao se aproximar da Administração e dos Estudos Organizacionais, as perspectivas decoloniais sugerem que práticas habitualmente identificadas com as lógicas de funcionamento do sistema mundo moderno-colonial, como as de gestão ou de negócio, também podem ser desestabilizadas em suas formas hegemônicas de significação para assumir outras características que favoreçam a sua compreensão por entre as fissuras das narrativas e dos imaginários capitalistas de nossa época. Esses estudos, emergentes no Brasil, abrem espaço para a enunciação de práticas administrativas ou organizacionais que deixam de ser explicadas por categorias exclusivamente econômicas e passam a ser interpretadas como estilos de vida e fazeres políticos sempre contingentes e localizados. Neste movimento, uma administração crítica à pretensa universalidade da racionalidade administrativa parece estar se articulando no curso da última década para demonstrar como as diferentes manifestações das lutas sociais não estão desvinculadas das lutas contra os modos pelos quais o capitalismo global, enquanto um sistema complexo e multifacetado de dominação, coloniza o cotidiano social e destrói laços societários sem os quais simplesmente não conseguiremos pensar e agir

coletivamente a partir de nossas diferenças e, assim, responder às nossas próprias contradições.

Portanto, considerar a Administração e os Estudos Organizacionais desde a América Latina e em ruptura crítica com as epistemes euro-norte-americanas neocoloniais, parece envolver o reconhecimento das expressões concretas da colonialidade e da opressão, bem como fazer repercutir as experiências das coletividades em luta nas mais variadas esferas que compõem nossos territórios existenciais. Para isso, o decolonial apresenta-se como uma possibilidade teórica e política de rearticulação da Administração e dos Estudos Organizacionais com distintos campos disciplinares identificados com a emancipação humana, oferecendo caminhos que fomentem sua retroalimentação.

Referências

- ABDALLA, M. M.; FARIA, A. Em defesa da opção decolonial em administração/gestão. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 4, p. 914-929, out./dez. 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/1679-395155249>
- ALVESSON, M.; SANDBERG, J. The Problematizing Review: A Counterpoint to Elsbach and Van Knippenberg's Argument for Integrative Reviews. **J. Manage. Stud.**, v. 57, n. 1, p. 1290-1304, Apr. 2020. <https://doi.org/10.1111/joms.12582>
- ALCADIPANI, R.; FARIA, A. Fighting Latin American marginality in "international" business. **critical perspectives on international business**, v. 10, n. 1/2, p. 107-117, Feb. 2014. <https://doi.org/10.1108/cpoib-11-2013-0047>
- ARIA, M.; CUCCURULLO, C. Bibliometrix: an R-tool for comprehensive science mapping analysis. **Journal of Informetrics**, v. 11, n. 4, p. 959-975, Nov. 2017. <https://doi.org/10.1016/j.joi.2017.08.007>
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, maio/ago. 2013. <https://doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>
- CAMPOS, L. A.; FERES JÚNIOR, J.; GUARNIERI, F. 50 Anos da Revista DADOS: Uma Análise Bibliométrica do seu Perfil Disciplinar e Temático. **Dados**, v. 60, n. 3, p. 623-661, jul./set. 2017. <https://doi.org/10.1590/001152582017131>
- CARNIEL, F.; AMÉRICO, B. L. Rastreado os territórios da aprendizagem organizacional no Brasil. **Sociologias**, v. 20, n. 47, p. 392-423, jan./abr. 2018. <https://doi.org/10.1590/15174522-020004721>

- CASANOVA, P. G. **Exploração, colonialismo e luta pela democracia na América Latina**. Rio de Janeiro: Vozes; Buenos Aires: Clacso, 2002.
- COSTA, C. Gender and Equivocation: Notes on Decolonial Feminist Translations. In: HARCOUT, W. (Ed.), **The Palgrave Handbook of Gender and Development**. London: Palgrave Macmillan, 2016. p. 48-61.
- COSTA, S. Social sciences and North-South-asymmetries: Towards a global sociology. In: S. BROECK, S.; JUNKER, C. (Eds.). **Postcoloniality-Decoloniality-Black Critique: Joints and Fissures**. Frankfurt: Campus Verlag, 2014. p. 231-244.
- CROSS, D.; THOMSON, S.; SINCLAIR, A. **Research in Brazil: A report for CAPES**. Brasília: Clarivete Analytics, 2018. Recuperado de <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/diversos/17012018-CAPES-InCitesReport-Final.pdf>
- DOMINGUES, J. M. Global Modernization, 'Coloniality' and a Critical Sociology for Contemporary Latin America. Theory. **Culture & Society**, v. 26, n. 1, p. 112–133, Jan. 2009. <https://doi.org/10.1177/0263276408099018>
- ELSBACH, K. D.; VAN KNIPPENBERG, D. Creating High-Impact Literature Reviews: An Argument for 'Integrative Reviews'. **J. Manage. Stud.**, v. 57, n. 1, p. 1277-1289, Apr. 2020. <https://doi.org/10.1111/joms.12581>
- FARIA, A.; IBARRA-COLADO, E.; GUEDES, A. Internationalization of management, neoliberalism and the Latin America challenge. **critical perspectives on international business**, v. 6, n. 2/3, p. 97-115, Jun. 2010. <https://doi.org/10.1108/17422041011049932>
- FERES JÚNIOR, J. **A história do conceito de América Latina nos Estados Unidos**. Bauru: Edusc, 2005.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- FRADKIN, C. The Internationalization of Psychology Journals in Brazil: A Bibliometric Examination Based on Four Indices. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, v. 27, n. 66, p. 7-15, Jan./Apr. 2017. <https://doi.org/10.1590/1982-43272766201702>
- GONZALES-MIRANDA, D. R. Los Estudios Organizacionales en Latinoamérica: ¡Vuelta al terreno áspero! **Revista de Administración de Empresas**, v. 60, n. 2, p. 104-119, Mar./Apr. 2020. <https://dx.doi.org/10.1590/s0034-759020200204>
- GUEDES, A.; FARIA, A. International management, business and relations in Latin America. **critical perspectives on international business**, v. 6, n. 2/3, p. 145-161, Jun. 2010. <https://doi.org/10.1108/17422041011049969>

- GROSGOUEL, R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, jan./abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100003>
- HAYASHI, M. C. P. I.; GONÇALVES, T. G. G. L. Estudo Bibliométrico dos Balanços da Produção Científica em Educação Especial na Revista Brasileira de Educação Especial (1999-2017). **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. spe, p. 135-152, 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382418000400010>
- IBARRA-COLADO, E. Cómo comprender y transformar los estudios organizacionales desde América Latina y no morir en el intento. In: MARTÍNEZ, A. M.; RABIELA, R. C. VESSURI, H.; CORONA, A. V. (Eds.). **Apropiación social del conocimiento y aprendizaje: Una mirada crítica desde diferentes âmbitos**. Madrid: Plaza y Valdés Editores, 2012. p. 17-38.
- IBARRA-COLADO, E.; FARIA, A.; LUCIA GUEDES, A. Introduction to the special issue on “Critical international management and international critical management: perspectives from Latin America”. **critical perspectives on international business**, v. 6, n. 2/3, p. 86-96, Jun. 2010. <https://doi.org/10.1108/17422041011049923>
- LACRUZ, A. J.; AMÉRICO, B. L.; CARNIEL, F. Teoria ator-rede em estudos organizacionais: análise da produção científica no Brasil. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 15, n. 3, p. 574-598, jul./set. 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/1679-395157007>
- LANDER, E. (Ed.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: Clacso, 2003.
- LECA, B.; GOND, J.-P.; BARIN CRUZ, L. Building ‘Critical Performativity Engines’ for deprived communities: The construction of popular cooperative incubators in Brazil. **Organization**, v. 21, n. 5, p. 683–712, Aug. 2014. <https://doi.org/10.1177/1350508414534647>
- MARCONATTO, D. A. B.; CRUZ, L. B.; MOURA, G. L.; TEIXEIRA, E. G. Why microfinance institutions exist: lending groups as a mechanism to enhance informational symmetry and enforcement activities. **Organizações & Sociedade**, v. 24, n. 83, p. 633-654, Oct./Dec. 2017. <https://dx.doi.org/10.1590/1984-9240835>
- MIGNOLO, W. **Local histories/global designs: Coloniality, subaltern knowledges, and border thinking**. Princeton: University Press, 2000.
- MIGNOLO, W. **The darker side of western modernity: Global futures, decolonial options**. London: University Press, 2011.

- MIGNOLO, W. Decolonizing Western Epistemology/Building Decolonial Epistemologies. In: ISASI-DÍAZ, A. M.; MENDIETA, E. (Eds.). **Decolonizing Epistemologies: Latina/o Theology and Philosophy**. New York: Fordham Press, 2012. P. 19-43.
- MISCOCZKY, M. C.; CAMARA, G. D. Pensar desde a América Latina em diálogo com a organização das lutas sociais descoloniais: explorando possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 2, p. 93-103, Mar./Apr. 2020. <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200203>
- OLIVEIRA, R. G. Práticas de saúde em contextos de vulnerabilização e negligência de doenças, sujeitos e territórios: potencialidades e contradições na atenção à saúde de pessoas em situação de rua. **Saúde e Sociedade**, v. 27, n. 1, p. 37-50, jan./mar. 2018. <https://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902018170915>
- OLIVEIRA, V. M. de; TEODÓSIO, A. dos S. de S. Consumo colaborativo: um estudo bibliométrico entre 2010 e 2019. **Revista Eletrônica de Administração**, v. 26, n. 2, p. 300-329, mai./ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/1413-2311.285.988743>
- PARMIGIANI, A.; KING, E. Successfully proposing and composing review papers. **Journal of Management**, v. 45, n. 8, p. 3083-3090, Sep. 2019. <https://doi.org/10.1177/0149206319874875>
- PATRIOTTA, G. Writing impactful review articles. **J. Manage. Stud.**, v. 57, n. 1, p. 1272-1276. Jun. 2020. <https://doi.org/10.1111/joms.12608>
- POST, C.; SARALA, R.; GATRELL, C.; PRESCOTT, J. E. Advancing Theory with Review Articles. **J. Manage. Stud.**, v. 57, n. 2, p. 351-376, Jan. 2020. <https://doi.org/10.1111/joms.12549>
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. In: LANDER, E. (Ed.). **La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales**. Buenos Aires: Clacso, 2003. p. 201-246.
- SOUSA, E. **Psicanálise e colonização**. Porto Alegre: Artes e fícios, 1999.
- SZLECHTER, D., PRAZOS, L. S.; TEIXEIRA, J. C.; FEREGUINO, J.; MADARIAGA, P. I.; ALCADIPANI, R. Estudios Organizacionales em América Latina: hacia una agenda de investigación. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, n. 2, p. 84-92. Mar./Apr. 2020. <https://dx.doi.org/10.1590/s0034-759020200202>
- R CORE TEAM. **R: A language and environment for statistical computing. Versão 3.5.3**. Vienna, Austria: R Foundation for Statistical Computing, 2019.
- RESTREPO, E.; ROJAS, A. **Inflexión decolonial: Fuentes, conceptos y cuestionamientos**. Popayán: Editorial Universidad del Cauca, 2010.

RIBEIRO, G. L. Why (post)colonialism and (de)coloniality are not enough: a post-imperialist perspective. **Postcolonial Studies**, v. 14, n. 3, p. 285-297, Oct. 2011. <https://doi.org/10.1080/13688790.2011.613107>

RODRÍGUEZ, E. G.; BOATCÃ, M.; COSTA, S. **Decolonizing European Sociology: Transdisciplinary Approches**. London: Ashgate Publishing LTD, 2010.

ROSA, M. C. Theories of the South: Limits and perspectives of an emergent movement in social sciences. **Current Sociology**, v. 62, n. 6, p. 851–867, Feb. 2018. <https://doi.org/10.1177/0011392114522171>

WALSH, C.; OLIVEIRA, L.; CANDAU, V. Coloniality and decolonial pedagogy: To think of other education. **education policy analysis archives**, v. 26, n. 83, p. 1-16, Jun. 2018. <https://doi.org/10.14507/epaa.26.3874>

Declaração de contribuição dos autores

Os autores declaram que atendem todos os quatro critérios de autoria estabelecidos pela ICMJE (2018).

ICMJE (2018). **Defining the Role of Authors and Contributors**, **International Committee of Medical Journal Editors**. Acesso em 03 de Maio de 2018. Disponível em: <http://www.icmje.org/recommendations/browse/roles-and-responsibilities/defining-the-role-of-authors-and-contributors.html>

Declaração de conflito de interesses

Os autores declaram que não há conflito de interesse.